



Universidades Lusíada

Cunha, Diana Isabel Guedes

A associação entre valores e virtudes em indivíduos com sintomatologia depressiva

<http://hdl.handle.net/11067/5298>

Metadados

Data de Publicação	2019
Resumo	<p>Resumo: Emergência do Estudo: As diferenças individuais podem ser compreendidas pelos valores humanos e virtudes manifestando-se em termos comportamentais. Contudo, estes têm sido estudados separadamente, não tendo em conta os efeitos de uma possível interação entre eles. Objetivo: Com o presente estudo pretendemos estudar a associação entre valores e virtudes em indivíduos com sintomatologia depressiva. Método - Participantes: Participaram neste estudo 49 indivíduos (39 do sexo feminino e 10 ...</p> <p>Abstract: Study Emergence: Individual differences can be understood as human values and virtues manifesting themselves in behavioral terms. However, these have been studied separately, not taking into account the effects of a possible interaction between them. Objective: With the current study we intend to study the association between values and virtues in individuals with depressive symptoms. Method - Participants: 49 individuals participated in this study (39 females and 10 males), aged bet...</p>
Palavras Chave	Psicologia, Psicologia clínica, Avaliação da Personalidade - Valores, Avaliação psicológica - Características sociodemográficas, Avaliação psicológica - Depressão, Bem-estar - Aspectos psicológicos, Teste psicológico - Inventário de Valores de Vinte Itens (IVVI)
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULP-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T02:26:37Z com informação proveniente do Repositório

A ASSOCIAÇÃO ENTRE VALORES E VIRTUDES
EM INDIVÍDUOS COM SINTOMATOLOGIA DEPRESSIVA

Dissertação
para a obtenção
do Grau de Mestre em:
Psicologia Clínica



**A ASSOCIAÇÃO ENTRE VALORES E VIRTUDES
EM INDIVÍDUOS COM SINTOMATOLOGIA
DEPRESSIVA**

Diana Isabel Guedes Cunha

PORTO 2019



Instituto de Psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)



Diana Isabel Guedes Cunha



Instituto de Psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

Dissertação
para a obtenção
do Grau de Mestre em:
Psicologia Clínica



**A ASSOCIAÇÃO ENTRE VALORES E VIRTUDES
EM INDIVÍDUOS COM SINTOMATOLOGIA
DEPRESSIVA**

Diana Isabel Guedes Cunha

PORTO 2019

ORIENTAÇÃO:
Prof.^a Doutora Sara Cruz



**Instituto de Psicologia
e Ciências da Educação**
Universidade Lusíada - Norte (Porto)



PANTONE 151 C

C: 0

M: 48

Y: 95

K: 0

Agradecimentos

Uma longa caminhada, com demasiadas exigências, não se faz sozinha. Existem pessoas que nos ajudam ao longo da mesma, merecendo reconhecimento. Esta trajetória tem sido enriquecedora a muitos níveis e não poderia deixar de agradecer a todos os que contribuíram direta e/ou indiretamente nesta jornada.

Começo por agradecer, com um carinho muito especial, à minha orientadora Professora Doutora Sara Cruz, por todo o conhecimento e rigor científico que sempre exigiu, bem como todas as propostas, reajustes e alterações que sugeriu de forma a que pudesse melhorar e crescer profissional e pessoalmente neste percurso de constante aprendizagem. Agradeço ainda a disponibilidade, apoio e compreensão por não me ter deixado desistir desta etapa final de curso.

Às minhas amigas e colegas de curso, Inês, Joyce e Sílvia, com quem partilhei angústias e receios que fui sentindo na elaboração desta tese. Obrigada pelas horas de trabalho, mas também pelos sorrisos, companheirismo e partilha!

Quero muito agradecer à minha família, à minha mãe e seu companheiro, por tudo o que me ensinaram e pelos valores transmitidos. Em especial à minha mãe, quero agradecer por todo o amor e apoio incondicional ao longo deste percurso, formação académica e toda a minha vida. Obrigada por me dares força e ajuda para que esta etapa tenha chegado ao fim. É um privilégio ser tua filha e ter-te ao meu lado.

Ao meu namorado Marcelo Rodrigues, quero muito agradecer pela presença incondicional. Obrigada pelos dias mais complicados desta etapa e por aqueles em que abdiquei de tempo para a concretização deste projeto e desta fase. Obrigada por toda a ajuda, pelas palavras, carinho e compreensão.

Por último e não menos importante, quero agradecer aos restantes elementos da família e amigos, que me acompanharam nesta longa caminhada.

A todos, MUITO OBRIGADA!

Resumo

Emergência do Estudo: As diferenças individuais podem ser compreendidas pelos valores humanos e virtudes manifestando-se em termos comportamentais. Contudo, estes têm sido estudados separadamente, não tendo em conta os efeitos de uma possível interação entre eles.

Objetivo: Com o presente estudo pretendemos estudar a associação entre valores e virtudes em indivíduos com sintomatologia depressiva. **Método - Participantes:** Participaram neste estudo 49 indivíduos (39 do sexo feminino e 10 do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 18 e 67 anos diagnosticados com sintomatologia depressiva. A maioria dos participantes concluíram o 1º ciclo do ensino básico, estavam desempregados e eram casados.

Instrumentos: Foi implementado o Questionário Sociodemográfico, a Entrevista clínica estruturada para as perturbações do DSM-5 (SCID-5), a versão portuguesa do Inventário de Valores de Vinte Itens (IVVI) e do VIA *Survey-72*. **Resultados:** Foram encontradas correlações significativas entre as dimensões de valores e de virtudes em indivíduos com sintomatologia depressiva. No que diz respeito às diferenças entre sexos ao nível dos valores e das virtudes, os resultados não demonstraram diferenças estatisticamente significativas.

Palavras-chave: valores humanos, virtudes, sintomatologia depressiva

Abstract

Study Emergence: Individual differences can be understood as human values and virtues manifesting themselves in behavioral terms. However, these have been studied separately, not taking into account the effects of a possible interaction between them. **Objective:** With the current study we intend to study the association between values and virtues in individuals with depressive symptoms. **Method - Participants:** 49 individuals participated in this study (39 females and 10 males), aged between 18 and 67 years diagnosed with depressive symptoms. Most participants completed elementary school, were unemployed and were married. **Instruments:** The Sociodemographic Questionnaire, the Structured Clinical Interview for DSM-5 Disorders (SCID-5), the portuguese version of the Twenty-Item Value Inventory (IVVI), and the VIA *Survey-72* were implemented. **Results:** The results showed significant correlations between the dimensions of values and virtues in individuals with depressive symptoms. Regarding gender differences in values and virtues, the results didn't demonstrate statistically significant differences.

Keywords: human values, virtues, depressive symptoms

Índice

Introdução.....	1
Valores.....	2
Teoria dos valores humanos básicos.....	4
Virtudes.....	10
Modelo de forças de caráter e virtudes.....	12
Valores e Virtudes.....	16
Sintomatologia Depressiva.....	19
Objetivo, Hipótese e Questão de Investigação.....	21
Métodos.....	21
Tipo de estudo.....	21
Participantes.....	22
Instrumentos de Avaliação.....	23
Questionário sociodemográfico.....	23
Entrevista clínica estruturada para as perturbações do DSM-5 (SCID-5).	23
Inventário de valores de vinte itens (IVVI).....	24
Via Survey-72.....	24
Procedimento.....	26
Análise de dados.....	26
Resultados.....	27
Discussão dos Resultados.....	32
Limitações de Estudo.....	36
Conclusão.....	36
Referências Bibliográficas.....	37

Índice de Tabelas

Tabela 1. Tipos motivacionais do modelo de Schwartz.....	5
Tabela 2. Virtudes e Forças de Caráter	13
Tabela 3. Caraterização sociodemográfica dos participantes.....	22
Tabela 4. Descrição do instrumento IVVI.....	24
Tabela 5. Descrição do instrumento VIA Survey-72.....	25
Tabela 6. Caraterização ao nível dos valores e virtudes.....	29
Tabela 7. Diferenças entre sexos ao nível dos valores e virtudes.....	30
Tabela 8. Correlações entre dimensões dos valores e das virtudes.....	32

Índice de Figuras

Figura 1. Círculo motivacional continuum. Adaptado de Schwartz (2012).....	6
Figura 2. Proposta de um continuum motivacional de 19 valores. Adaptado de Schwartz et al. (2012).	8

Introdução

Há largas décadas que o conceito de valor constitui o tema central de alguns teóricos e investigadores, designadamente na área das ciências sociais e humanas. O conceito de valor deve assumir um papel privilegiado quando pensamos nos nossos comportamentos e nas nossas ações. Os valores humanos ou pessoais, considerados como objetivos desejáveis que orientam a vida do indivíduo, contribuem para que num determinado comportamento esteja intrínseco um sistema prioritário de valores do indivíduo (Schwartz, 1992).

Schwartz (2005) é o autor mais referenciado no que respeita à matéria de valores humanos. O mesmo considera que os valores pessoais orientam e influenciam o comportamento humano de acordo com quatro premissas fundamentais: 1) os valores influenciam o comportamento se forem ativados, 2) à semelhança das necessidades, induzem um poder atrativo sobre as ações, 3) influenciam a perceção e interpretação das situações e 4) influenciam a planificação das ações, ou seja, quanto maior for a prioridade de um valor, melhor será a planificação das ações. Independentemente da cultura e do país, é possível encontrar um conjunto relativamente estável de valores que seja aceite por todos, apesar de os valores serem individuais e terem uma importância relativa que cada indivíduo atribui (Schwartz & Bilsky, 1987).

A sociedade parece cada vez mais cobrar da ciência, para que esta lhe dê não só a solução para todos os seus problemas, mas também os caminhos para se ter a melhor vida possível. A Psicologia, sobretudo a Psicologia Positiva - movimento que se iniciou no final do século XX - é uma proposta científica que tem como objetivo melhorar o funcionamento dos indivíduos e prevenir o aparecimento de patologias (Paludo & Koller, 2007). É a área que propõe o estudo científico das virtudes e das forças de carácter exclusivas de cada indivíduo, que faz com que os psicólogos adotem uma postura mais apreciativa em relação ao potencial, à motivação e às capacidades dos mesmos (Sheldon & King, 2001).

O conceito de virtude constitui um tema complexo, pois está envolvida de forma pouco clara com outros conceitos sendo passível de ser caracterizado sobre diferentes perspetivas. As virtudes são desenvolvidas no contexto de uma comunidade a partir de hábitos amadurecidos e partilham inúmeros propósitos e pressupostos (Jordan & Meara, 1990). Não se trata apenas de uma característica individual, mas de hábitos constantes que levam o ser humano a praticar o bem (Peterson & Seligman, 2004). Dito por outras palavras, as virtudes, de acordo com Kristjánsson (2006) são características que permitem a um indivíduo sentir e/ou agir de forma moralmente correta.

Devido à escassez de estudos realizados das variáveis supramencionadas, esta investigação torna-se pertinente uma vez que se irá focar na eventual relação entre valores e virtudes. Este estudo visa perceber como os valores e as virtudes se caracterizam em indivíduos com sintomatologia depressiva e como estes se apresentam no quotidiano do ser humano. De acordo com as estatísticas da Organização Mundial da Saúde (2002), prevê-se que em 2020, a depressão será a segunda doença prevalente na população, uma vez que Portugal é o quarto país com maior taxa de depressão, até ao momento.

A presente dissertação encontrar-se-á organizada em quatro partes, uma primeira parte, que dirá respeito à revisão da literatura sobre valores, virtudes e a perturbação depressiva, a segunda parte descreverá o estudo empírico, a terceira parte apresentará os resultados e na quarta e última parte dirá respeito à discussão dos mesmos.

A primeira parte estará dividida em quatro subcapítulos, sendo que os primeiros três subcapítulos abordarão as variáveis de estudo, descrevendo os modelos que foram utilizados para explicar cada uma delas e os estudos referentes ao mesmo. E, por último, o quarto subcapítulo referirá o objetivo, a questão da investigação e as hipóteses criadas da presente investigação.

A segunda parte irá descrever o estudo empírico realizado, utilizando uma metodologia quantitativa. Irá ser feita uma descrição dos participantes e dos instrumentos utilizados, assim como dos procedimentos adotados.

Por fim, a terceira e quarta parte irá apresentar a análise e discussão dos resultados, respetivamente, tendo subjacente os objetivos da investigação e o teste das hipóteses formuladas. Os resultados irão ser comparados entre si tendo como referência o enquadramento teórico realçado na primeira parte do presente estudo.

Valores

Há largas décadas que o conceito de valor tem sido considerado um tema central na literatura, capaz de unir os diversos interesses das ciências relacionadas com o comportamento humano, como a antropologia, sociologia e psicologia (Rokeach, 1973; Schwartz, 1992).

Os valores, ao longo do tempo, foram cruciais para explicar a mudança e a organização social e são utilizados para caracterizar a nível cultural, individual e/ou grupal com o objetivo de registar as mudanças ao longo do tempo através da compreensão das bases motivacionais subjacentes às atitudes e aos comportamentos dos indivíduos (Schwartz, 2012). Dessa forma, cada indivíduo possui um conjunto de valores pessoais, que variam em grau e importância,

razão pela qual um valor em particular pode ser fundamental para a existência de uma pessoa enquanto tal, e ser dispensável para outra.

No ponto de vista de Aluja e Garcia (2004) os valores humanos são definidos como representações cognitivas que explicam as diferenças individuais em relação aos objetivos de vida e princípios de comportamento e prioridades.

Conciliando as várias concepções do termo *valor*, pode-se dizer que os valores influenciam a tomada de decisão e o comportamento dos indivíduos através do contacto que estabelece com o seu contexto social permitindo assim, criar o seu próprio sistema de valores.

Veccione e colaboradores (2016) evidenciaram que a natureza dos valores humanos básicos concerne a crenças abstratas sobre objetivos desejáveis e transituacionais assumindo princípios orientadores na vida do indivíduo. Estes têm influência nas atitudes e nos comportamentos dos indivíduos, tornando-se cruciais para a sua autodefinição.

Várias teorias foram construídas com a finalidade de explicar a importância dos valores. Porém, é de salientar a relevância do contributo de alguns autores nesta matéria, designadamente autores como Rokeach e Inglehart sendo que, atualmente, uma das teorias mais utilizadas é a teoria dos valores básicos de Schwartz (Ramos, 2006).

Rokeach (1973) procurou perceber a forma como as pessoas organizavam o seu sistema de valores e, para este autor, qualquer concepção da natureza dos valores deverá atender a cinco pressupostos fundamentais:

1. O número total de valores que um indivíduo tem é relativamente pequeno;
2. Todos os indivíduos têm os mesmos valores diferenciando quanto ao grau de importância;
3. Os valores podem ser organizados num sistema;
4. Os valores humanos resultam da cultura em que o indivíduo se insere;
5. Importa analisar, a forma como os valores se comportam.

Os valores pessoais, segundo Rokeach (1973) podem ser definidos como crenças centrais, duradouras e difíceis de mudar que transcendem situações específicas e guiam o comportamento humano estando ordenados por importância relativa. Formam um sistema prioritário de valores com o qual os indivíduos dão preferência a um ou outro valor em detrimento de outros pertencentes ao seu próprio sistema de valores.

Rokeach (1973) diferenciou dois tipos de valores, os valores instrumentais (e.g. honestidade, abertura da mente e responsabilidade) e os valores terminais (e.g. paz no mundo, igualdade e harmonia interior). Relativamente aos valores terminais, estes representam as necessidades humanas associados a questões de carácter social e pessoal. Por sua vez, os valores

instrumentais estão relacionados com os aspetos morais e as competências e referem-se à forma como os indivíduos atuam para alcançar um fim desejado, ou seja, refere-se a modos comportamentais para alcançar os valores terminais.

No seu sistema de valores, Rokeach (1973) sugere 36 valores, 18 em cada dimensão. O autor construiu o Questionário de Valores, onde é pedido aos participantes para ordenarem estes valores de acordo “com a sua importância, enquanto princípios que orientam a sua vida”. Os resultados representaram a hierarquia de valores de cada indivíduo, em que *scores* mais baixos indicavam menos importância do valor. Assim sendo, os valores deixaram de ser considerados como estáveis e fixos e passaram a ter uma maior flexibilidade na medida em que cada indivíduo concebia a sua hierarquia de valores.

Inglehart (1977) propôs uma associação entre as necessidades básicas e o sistema de valores, utilizando para isso a pirâmide de necessidades de Maslow (1970). Distinguiu valores materialistas de valores pós-materialistas, partindo da ideia de que os valores surgem das mudanças ocorridas na história das sociedades.

Os valores materialistas estão associados à necessidade de estabilidade económica e à coesão social, e tal como na pirâmide de Maslow (1970), estes só aparecem quando os primeiros forem satisfeitos (Inglehart, 2008). Os valores pós-materialistas dizem respeito a uma melhor qualidade de vida.

As teorias de valores parecem revelar algum consenso ao conceptualizarem os valores como estando na base de todo o comportamento humano (Ramos, 2006).

Teoria dos valores humanos básicos.

Atualmente, a teoria de valores mais utilizada e aquela que abarca a complexidade das relações entre valores é a teoria dos valores de Schwartz. Esta teoria adota uma conceção de valores através de seis características fundamentais (Schwartz, 1994, 2012) sendo elas:

(1) **os valores são crenças**, estão associadas aos afetos e, quando ativados, despertam sentimentos;

(2) **os valores referem-se a objetivos desejáveis**, uma vez que são eles que transmitem o que é importante nas nossas vidas e que nos motivam para a ação;

(3) **os valores transcendem ações e situações específicas**, na medida em que representam objetivos abstratos que se podem aplicar a diferentes contextos;

(4) **os valores servem como padrões ou critérios**, selecionando ou avaliando ações, políticas, pessoas e acontecimentos, embora o impacto dos valores não suceda de forma consciente;

(5) **os valores são ordenados hierarquicamente ou por grau de importância** em relação um ao outro, isto é, cada pessoa tem valores aos quais atribui diferentes níveis de importância, formando um sistema de prioridades característico de cada indivíduo;

(6) **a importância relativa de múltiplos valores orienta a ação**, ou seja, ninguém se orienta por um só valor, todas as atitudes e comportamentos implicam a intervenção de vários valores.

Schwartz e Bilsky (1987) definiram valores como representações cognitivas de três requisitos universais da existência humana: necessidades biológicas, sociais e institucionais. Schwartz (1992) distinguiu 10 valores humanos universais, apresentados na tabela 1.

Tabela 1

Tipos motivacionais do modelo de Schwartz.

Valor	Definição conceitual
Autodireção	Pensamento independente e liberdade de escolha das ações, criação e exploração das opções.
Estimulação	Excitação, desafios quotidianos, abertura à mudança e novidade.
Hedonismo	Procura de prazer, satisfação e gratificação sensorial para o próprio.
Realização	Sucesso pessoal, demonstrar competência de acordo com as normas sociais.
Poder	<i>Status</i> social e prestígio, controlo e domínio sobre os outros e recursos.
Segurança	Proteção, harmonia e estabilidade da sociedade, dos relacionamentos e do eu.
Conformidade	Inibição de ações, incentivos e impulsos que possam violar expectativas, normas sociais ou prejudicar outras pessoas.
Tradição	Respeito, compromisso e aceitação dos costumes e ideias que a religião e a cultura providenciam.
Benevolência	Preservação e valorização do bem-estar das pessoas com quem estamos em contato pessoal e social frequentemente.
Universalismo	Compreensão, apreciação, tolerância e proteção do bem-estar de todos e da natureza.

Adaptado de Schwartz, 1994.

A proposição central da teoria de valores de Schwartz (2012) é que os valores formam um círculo motivacional *continuum* (Figura 1). Este sistema coerente manifesta-se através do

conflito social e psicológico, mas também da congruência entre valores que as pessoas experienciam quando tomam decisões cotidianas.

A importância que cada indivíduo atribui aos dez tipos de valores pode divergir substancialmente, mas os seus valores estão aparentemente organizados ao longo da estrutura circular motivacional (Schwartz, 1992).

Schwartz e Bilsky (1987) propuseram que o tipo de meta ou motivação que um valor expressa faz com que seja distinto de um outro valor. Além de proposições sobre o conteúdo universal de valores, a teoria de Schwartz (1992) especificava um conjunto de relações dinâmicas entre os tipos motivacionais de valores. As ações realizadas à procura de cada tipo de valor têm consequências psicológicas, práticas e sociais que podem ser congruentes ou podem entrar em conflito com outros tipos de valor.

Segundo Rokeach (1973), é pouco provável que uma determinada situação ative apenas um único valor. A maioria das situações envolve o conflito entre diversos valores, cuja resolução estará de acordo com as prioridades de valores de cada um. Assim, o sistema de valores, mais do que um valor individual, proporciona um maior entendimento das forças motivacionais que conduzem às crenças, atitudes e comportamentos do indivíduo.



Figura 1. Círculo motivacional *continuum*. Adaptado de Schwartz (2012).

Dentro da estrutura circular, os valores contíguos (por exemplo, poder e realização) compartilham metas motivacionais semelhantes e estão positivamente relacionadas. Por contraste, os valores localizados em lados opostos do círculo (por exemplo, poder e universalismo) expressam motivos incompatíveis e estão negativamente relacionados (Schwartz, 1992). Nesta estrutura, importa salientar que os 10 tipos de valores estão integrados

e organizados em quatro dimensões amplas. Numa primeira dimensão encontram-se os valores que evidenciam o autoaperfeiçoamento como o poder e a realização. A segunda dimensão é caracterizada pelos valores que enfatizam a autotranscendência dos interesses pessoais e a promoção do bem-estar dos outros como o universalismo e a benevolência. Os valores que priorizam o estabelecimento e continuidade do *status quo* como a segurança, a tradição e a conformidade estão incluídos na dimensão conservação e, por fim, encontram-se os valores que se focam na abertura para a mudança como a autodireção, a estimulação e o hedonismo) (Caprara et al., 2017).

Com base na raiz motivacional dos valores, postulam-se dois tipos de relacionamento entre valores: de compatibilidade e de conflito sendo que a estrutura motivacional representada na Figura 1 retrata o padrão total de relações de conflito e congruência entre eles (Schwartz, 1992).

Como referido anteriormente, quanto mais próximos dois tipos motivacionais estão, mais semelhantes são as suas motivações subjacentes. Pelo contrário, quanto mais distantes, mais dissonantes são as motivações que lhe subjazem. Enquanto que os valores autodireção, estimulação, hedonismo, realização e poder expressam interesses individuais e ocupam uma área contígua, os valores benevolência, tradição e conformidade expressam interesses coletivos (Tamayo & Schwartz, 1993).

A tradição e conformidade estão localizados no mesmo campo porque partilham a mesma meta/objetivo motivacional. Não obstante, o valor conformidade encontra-se mais ao centro e o valor tradição mais para a periferia. Tal significa que os valores de tradição têm maior conflito com os valores opostos. As expectativas ligadas à tradição são abstratas e absolutas do que as expectativas baseadas na interação da conformidade (Schwartz, 1992).

Ulteriormente, os 10 tipos de valores estão ainda organizados em quatro domínios de ordem superior, formando duas dimensões bipolares básicas, que resumem as incompatibilidades entre os tipos de valores (Schwartz, 1992):

(a) Abertura à Mudança *versus* Conservação – os valores de estimulação e autodireção em oposição aos valores de segurança, conformidade e tradição. Desta forma, esta dimensão opõe os valores que sublinham a independência de pensamento e de ação e o estímulo à mudança àqueles que saterlientam a autorrestricção, preservação de práticas tradicionais e proteção da estabilidade (Schwartz, 1994).

(b) Autoaperfeiçoamento *versus* Autotranscendência – os valores de poder e realização em oposição ao universalismo e benevolência. Por fim, o valor hedonismo partilha elementos tanto de valores de autoaperfeiçoamento como de valores de abertura à mudança (Schwartz et al., 2012).

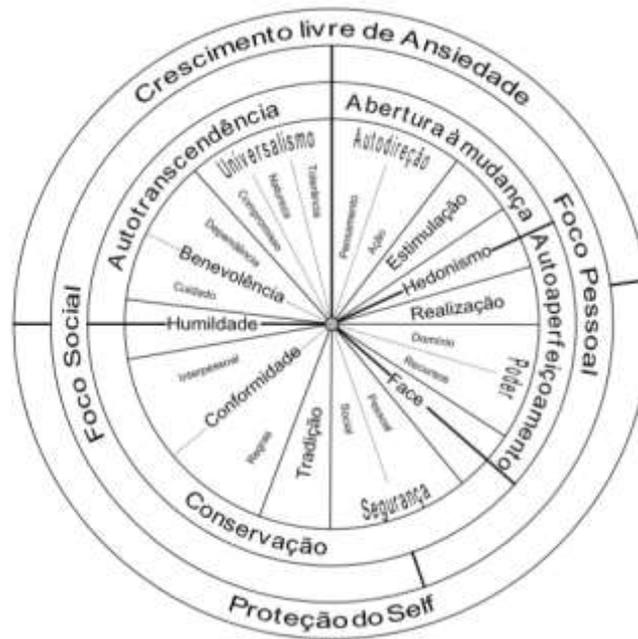


Figura 2. Proposta de um *continuum* motivacional de 19 valores. Adaptado de Schwartz et al. (2012).

A relação dinâmica entre dimensões de valores e as suas motivações foi usada para prever e explicar como o sistema de valores influencia uma diversidade de atitudes e comportamentos (Schwartz & Sagiv, 1995; Schwartz, 1992).

Schwartz e colaboradores (2012) aprimoraram a teoria básica de valores no sentido de destacar e de dar maior ênfase ao *continuum* motivacional de valores. Assim sendo, os mesmos autores propuseram distinguir 19 valores dividindo alguns dos 10 valores em valores mais específicos. Tomemos como exemplo o valor segurança que foi dividido em segurança pessoal (segurança para si mesmo) e segurança social (estabilidade e ordem na sociedade).

Os mesmos autores introduziram dois novos valores (face e humildade), estreitamente definidos, entre alguns valores, mencionados anteriormente. O valor face é um novo valor que se situa entre os valores de segurança e de poder, e o valor humildade foi definido como um novo valor posicionado entre os valores de conformidade e de benevolência (Schwartz et al., 2012).

O círculo exterior contém dois grupos de valores: os relacionados com o *self* e os relacionados com a ansiedade. O círculo a seguir distingue os valores relacionados com resultados direcionados para o próprio com os resultados direcionados para os outros. O

próximo círculo indica os quatro tipos motivacionais de segunda ordem, já descritos na teoria original, que apreendem as duas dimensões bipolares de incompatibilidade motivacional entre os valores. A teoria recodificada compartilha com a teoria original dos valores básicos uma vez que os 19 valores, estritamente definidos, abrangem o mesmo *continuum* motivacional dos 10 valores, originalmente definidos (Torres, Schwartz, & Nascimento, 2016).

Com a finalidade de investigar a estrutura de valores, Schwartz e Bilsky (1987), nos primeiros estudos utilizaram a escala de valores de Rokeach (Rokeach Value Survey – RVS), revelando-se insuficiente, uma vez que esta abrangia um vasto conjunto de valores diversificados.

Com o objetivo de responder às limitações sentidas na escala de Rokeach, houve a necessidade de criar um novo instrumento, o Inventário de Valores de Schwartz (Schwartz Value Survey - SVS) que tinha como finalidade avaliar, de forma diferenciada, os 10 valores básicos (Sandy, Gosling, Schwartz, & Koelkebeck, 2017). Ao preencherem este inventário, os participantes tinham de ordenar os valores com base no seu grau de importância pessoal.

Para contornar o problema do uso de conceitos abstratos de valores, Schwartz (2011) aperfeiçoou o SVS, desenvolvendo o questionário de perfis de valores PVQ-40 (Portrait Questionnaire Value-40) que contém 40 itens. Esta escala foi desenvolvida para ser aplicado em crianças a partir dos 11 anos, idosos e pessoas com nível de escolaridade baixa, assim como, para verificar se a teoria de valores é válida independentemente do instrumento utilizado (Schwartz, 2011). Enquanto o SVS exige um alto nível de abstração, o PVQ mede os valores dos indivíduos indiretamente, por meio de julgamentos da similaridade de uma pessoa com outra pessoa. Contudo, várias investigações revelaram a necessidade de reduzir a PVQ-40, dando origem ao PVQ-21 (Sandy, Gosling, Schwartz, & Koelkebeck, 2017).

Em virtude das fragilidades psicométricas patentes no PVQ-21 surgiu a necessidade de ajustar e estruturar a escala dando origem à Ten Item Value Inventory (TIVI) e à Twenty Item Value Inventory (TwIVI) (Sandy, Gosling, Schwartz, & Koelkebeck, 2017).

A versão utilizada na presente investigação baseia-se no TwIVI designada por Inventário de Valores de Vinte Itens (IVVI) que se encontra em fase de aferição para a população portuguesa que será descrito posteriormente no presente estudo.

Virtudes

O termo *virtudes* remete para a conduta do ser humano, quando existe uma adaptação ajustada e adequada entre os princípios morais e a vontade humana. As virtudes são desenvolvidas no contexto de uma comunidade a partir de hábitos amadurecidos e partilham inúmeros propósitos e pressupostos (Jordan & Meara, 1990). Não se trata apenas de uma característica individual, mas de hábitos constantes que levam o ser humano a praticar o bem (Peterson & Seligman, 2004).

Dito por outras palavras, a virtude é uma propriedade da pessoa inteira e da vida que a pessoa tem. Contudo, as pessoas não pensam constantemente na virtude porque esta aparece em pequenos pormenores (Yearley, 1990). Segundo Kristjánsson (2006), as virtudes permitem ao indivíduo atuar em relação às pessoas e às circunstâncias de forma moralmente correta. McCullough e Snyder (2000) debruçaram-se sobre a definição de virtudes. Para estes autores, as virtudes têm sido consideradas como qualquer processo psicológico que permite a uma pessoa pensar e agir de forma a obter benefícios para si próprio e para a sociedade em geral.

No início do século XX, surgiu o movimento denominado Psicologia Positiva que se focou na compreensão das virtudes e forças de caráter exclusivas de cada indivíduo. O propósito da psicologia positiva é ajudar o indivíduo a alcançar o seu potencial máximo, a partir dos seus traços positivos centrando-se na prevenção e na promoção da saúde mental (Paludo & Koller, 2007; Seligman & Csikszentmihalyi, 2000).

Da mesma forma, a definição da saúde não apenas como a mera ausência de sintomas, mas também a presença de estados, capacidades e funcionamento humano positivo (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2002) criou gradualmente espaço para a psicologia positiva expandir a sua aplicação na área da saúde. Na mesma linha, a definição de saúde mental como “um estado de bem-estar em que cada indivíduo percebe o seu próprio potencial, pode lidar com as tensões normais da vida, pode trabalhar produtiva e frutiferamente, e é capaz de fazer uma contribuição para a sua comunidade” (OMS, 2002) ilustra a conexão entre a saúde mental e alcançar um estado de felicidade através do uso do potencial pessoal.

Segundo Seligman e Csikszentmihalyi (2000), a Psicologia Positiva concentra-se em (1) experiências subjetivas positivas, caracterizada principalmente pelas emoções positivas (felicidade, satisfação com a vida e bem-estar), (2) traços individuais positivos, englobando as virtudes e as forças de caráter e, (3) instituições positivas, como famílias ou locais de trabalho. Uma proposição central em relação à interação entre os três tópicos é que as instituições positivas possibilitam o desenvolvimento e a exibição de traços positivos e que, por sua vez,

promovem experiências positivas e levam pessoas a comportamentos positivos (Park & Peterson, 2009; Shoshani, 2018).

A Psicologia Positiva orientou a sua atenção para o estudo do caráter, identificando-o como fundamental na compreensão do conceito de vida significativa (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). O caráter pode ser entendido como uma família de traços positivos de personalidade, moralmente valorizados, que são relativamente estáveis e generalizáveis em diferentes situações, mas que não são necessariamente fixas ou enraizadas em características genéticas imitáveis, ou seja, manifestam-se em diferentes graus (Peterson e Seligman, 2004; Park & Peterson, 2009; Martínez-Martí & Ruch, 2014). Park e Peterson (2009) descrevem o caráter como as qualidades morais de um indivíduo que o levam praticar e a alcançar o bem. Assim, o “bom caráter” não é a ausência de problemas, de défices ou de patologias, mas sim um conjunto bem desenvolvido de traços positivos. A construção e a elevação do caráter, não só reduzem a possibilidade de ocorrerem resultados negativos como também são importantes por si mesmos como indicadores de um desenvolvimento saudável e próspero (Park & Peterson, 2009).

Estas definições sugerem fortemente que a formação de caráter na infância depende do desenvolvimento de várias competências sociais e emocionais básicas, incluindo a capacidade de distinguir entre o certo e o errado, a capacidade de discernir as perspectivas dos outros, a aquisição de padrões sociais, a manifestação do comportamento pró-social e a capacidade de possuir e usar o conhecimento que é valioso para uma sensação de bem-estar (Peterson & Seligman, 2004).

Peterson e Seligman (2004) acrescentam que a moralidade está fortemente associada à religião. A virtude partiu de dois estudos: um histórico e outro empírico. Estes estudos estavam direcionados pela procura de qualidades morais admiradas num conjunto de culturas ao longo do tempo (Dahlsgaard, Peterson, & Seligman, 2005). No que diz respeito ao estudo histórico, pretendia-se determinar quais foram as tradições que mais influenciaram a humanidade. Nesse estudo, foram registadas 8 tradições, religiosas e/ou filosóficas, nomeadamente o Confucionismo e o Taoísmo na China, o Budismo e o Hinduísmo no sul da Ásia, a Grécia antiga, o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo no Médio Oriente (Dahlsgaard, Peterson, & Seligman, 2005). Determinadas as tradições, iniciaram-se estudos sobre cada uma delas pretendendo elencar uma lista de virtudes que fossem as mais influentes e/ou que fossem as primeiras a aparecer naquela tradição, sendo que o ideal seria encontrar as duas características (Peterson & Seligman, 2004). Por exemplo, no Confucionismo, verificou-se a presença de cinco virtudes influentes nesta tradição, especificamente, a virtude da humanidade, da justiça,

da sabedoria, da sinceridade e da ‘etiqueta’ - respeito pelos ritos cerimoniais (Dahlsgaard, Peterson, & Seligman, 2005).

Modelo de forças de caráter e virtudes.

Peterson e Seligman (2004) verificaram que certas características podem ter diferentes significados entre as culturas. Após este estudo, formulou-se um conceito abstrato de “virtudes centrais” (Dahlsgaard, Peterson, & Seligman, 2005) onde foram identificadas convergências históricas e transculturais de seis virtudes fundamentais.

Para estabelecer um modelo de forças de caráter e virtudes, Peterson e Seligman (2004) introduziram a classificação *Values in Action* (VIA). Para estes autores, as virtudes são características centrais valorizadas por filósofos morais e pelos pensadores religiosos (Peterson & Seligman, 2004). De igual modo, são consideradas universais e são fundamentais para resolver questões relacionadas com a sobrevivência da espécie. As definições específicas de cada virtude envolvem a respetiva força a ela ligada.

Existem três níveis de abstração, que são todos aplicáveis às questões relativamente à “boa vida”. O nível mais alto de abstração é constituído pelas virtudes: as noções classificatórias mais gerais e amplas aplicadas. Por sua vez, o segundo nível ou nível médio corresponde às forças de caráter entendidas como processos psicológicos ou mecanismos definindo uma determinada virtude (Peterson & Seligman, 2004). Por fim, o nível mais baixo de abstração é constituído pelos temas situacionais que são entendidos como “hábitos específicos que levam as pessoas a manifestar forças de caráter dadas em determinadas situações” (Peterson & Seligman, 2004). Dos três níveis de abstração, é o nível médio - forças de caráter - que Banicki (2004) considera ser o mais adequado para categorizar e debater aquilo que eles acreditam ser a “boa vida”.

O modelo de Peterson e Seligman (2004) é constituído por seis virtudes centrais e por vinte e quatro forças de caráter (Tabela 2):

Tabela 2

Virtudes e Forças de Caráter.

Virtudes	Forças de Caráter
Sabedoria e Conhecimento	Criatividade: É visto como uma pessoa criativa; vê, faz e/ou cria coisas úteis.
	Curiosidade: É explorador(a); aberto a novas experiências; procura novidade.
	Pensamento crítico: É analítico; não se precipita com conclusões; examina as coisas de todos os ângulos.
	Amor pela Aprendizagem: Apaixonado por construir conhecimento; novas oportunidades de aprender.
Coragem	Perspetiva: Visão global; aprende com os erros; dá conselhos.
	Bravura: Enfrenta os medos; supera desafios; defende o que é certo.
	Persistência: Continua e insiste perante um objetivo; termina o que começa.
	Honestidade: Pessoa de elevada integridade; diz a verdade; responsabiliza-se pelas suas ações.
Humanidade	Vitalidade: E bastante energético e ativo; usa a energia ao máximo.
	Amor: Caloroso e genuíno; valoriza a proximidade e intimidade com o outro.
	Bondade: Generoso; compassivo; ajuda e cuida dos outros.
Justiça	Inteligência Social: Atento às diferenças sociais; sabe o que dizer/fazer em qualquer situação social.
	Cidadania: Membro colaborativo/participativo em grupo; é leal; faz a sua parte.
	Equidade: Oportunidades iguais e justas para todos; trata os outros como gostava de ser tratado.
Temperança	Liderança: Influencia positivamente aqueles que lidera.
	Perdão e Misericórdia: Dá uma segunda oportunidade; não é vingativo.
	Humildade e Modéstia: Admite as suas imperfeições; não se acha mais que os outros.
Transcendência	Prudência: Sensato; cauteloso; consciencioso.
	Autorregulação: Pessoa muito disciplinada; fica calmo sob pressão; gere os seus impulsos e emoções.
	Apreciação de beleza: Fascínio pela beleza; maravilhado.
	Gratidão: Abençoado; sente e expressa gratidão com frequência.
	Esperança: É otimista; acredita e trabalha para um futuro próximo.
	Humor: Brinca; gosta de fazer os outros sorrir e rir.
	Espiritualidade: Sentido de vida; conjunto de crenças.

Adaptado de Peterson & Seligman, 2004.

Como demonstrado anteriormente, cada virtude compreende algumas subdivisões. A essas subdivisões das virtudes, Peterson e Seligman (2004) nomearam de forças de caráter. Shryack, Steger, Krueger, e Kallie (2010) consideraram forças de caráter como traços estáveis, observáveis e universais que se manifestam através dos pensamentos, dos sentimentos e dos comportamentos. Estas são moralmente valorizadas e são os ingredientes psicológicos que, em

conjunto, definem as virtudes. Dito por outras palavras, as forças de caráter são caminhos distintos que conduzem à virtude. Elas são reconhecidas e desejadas entre culturas (Peterson & Seligman, 2004; Soshani, 2018). Para além de tudo isso, as forças de caráter são também ingredientes que permitem ao indivíduo agir de forma a que contribua tanto para o bem-estar individual como para o bem-estar dos outros (Peterson & Seligman, 2004).

Foram criados 10 critérios e para que determinado traço positivo seja considerado força de caráter tem de satisfazer pelo menos 8 critérios pré-definidos (Peterson & Seligman, 2004):

O *Critério 1* (Realização) é uma força de caráter que deve contribuir para aspetos envolvidos na vida boa, quer para si quer para os outros. Ou seja, deve contribuir para uma vida feliz. Neste sentido, as pessoas que vivem de acordo com as suas forças, apresentam níveis de satisfação maiores com a vida. Isto não significa que as forças de caráter são a causa de uma vida feliz, mas, na realidade os aspetos ligados a uma vida feliz são intrínsecos ao exercício da força de caráter (Peterson & Seligman, 2004).

O *Critério 2* (Validade moral) afirma que uma força de caráter é válida por si e não em função da sua finalidade. O importante é que ela seja moralmente valorizada, reconhecida como um bem, independentemente dos seus resultados (Peterson & Seligman, 2004).

O *Critério 3* (Não diminuir os outros) é a expressão da força de caráter que, pela sua exposição, não diminui nem prejudica os outros. Neste sentido, apresentar uma determinada força de caráter contribui para o bem-estar daqueles que nos rodeiam (Peterson & Seligman, 2004).

O *Critério 4* (Oposição não feliz) afirma que se podemos formular o oposto de uma força de caráter como algo positivo, então, tal força não pode ser considerada, ou seja, é uma força de caráter que exige flexibilidade (Peterson & Seligman, 2004).

O *Critério 5* (Traços semelhantes) define que a força de caráter deve manifestar-se através de pensamentos, sentimentos e/ou ações e, nesse sentido, são avaliadas como um traço tendo um grau de generalidade e estabilidade entre as situações e o tempo (Peterson & Seligman, 2004).

O *Critério 6* (Distinção) diz que uma força de caráter deve ser distinta de outras características positivas e não pode ser decomposta nela (Peterson & Seligman, 2004).

O *Critério 7* (Paradigmas) afirma que uma força de caráter se sustenta em paradigmas consensuais (Peterson & Seligman, 2004).

O *Critério 8* (Prodígios) não é aplicado a todas as forças de caráter. Defende a existência de indivíduos que são considerados prodígios em relação às forças de caráter (Peterson & Seligman, 2004).

O *Critério 9* (Ausência seletiva) defende que algumas forças de caráter não são encontradas em todas as pessoas, ou seja, alguns indivíduos mostram, seletivamente, ausência total de uma determinada força de caráter. (Peterson & Seligman, 2004).

O *Critério 10* (Instituições e rituais) defende que a sociedade fornece rituais e estruturas que contribuem para o cultivo de uma determinada força de caráter e também para a sua sustentação (Peterson & Seligman, 2004).

Em suma, as forças de caráter são processos ou mecanismos distinguíveis para exibir qualquer uma das virtudes.

De acordo com Peterson e Seligman (2004), conhecer e cultivar as virtudes e as respectivas forças de caráter deverá fazer parte da formação dos indivíduos, porque através delas poderemos valorizar e dar sentido à vida. Assim também aprenderemos a valorizar a experiência, a nós mesmo e aos outros.

As virtudes são concebidas como conceitos abstratos, enquanto as forças de caráter são vistas como processos e mecanismos concretos que permitem exibir as virtudes da vida cotidiana e que possam ser avaliadas (Güeswell & Ruch, 2012).

Devido à importância das virtudes e das forças de caráter para o florescimento pessoal, Peterson e Seligman (2004) propuseram Valores em Ação (Values In Action - VIA) sendo o instrumento mais estudado para a mensuração do caráter, quer em crianças quer em adultos (Gusewell & Ruch, 2012). A classificação VIA centra-se em 24 forças de caráter que, de acordo com Peterson e Seligman (2004), não são exaustivas nem exclusivas e se organizam em seis virtudes, como visto anteriormente (McGrath, 2017).

Importantes medidas têm sido criadas, com base no VIA, entre elas, destacando-se o Valores em Ação-Inventário de Forças (VIA-IS) (Peterson & Park, 2009; Peterson & Seligman, 2004).

Valores em Ação-Inventário de Forças (VIA-IS) é um instrumento de autorrelato composto por 240 itens que mostra características de personalidade com características mais curtas, chamadas forças de caráter, propostas em Valores em Ação (VIA) - Classificação de Forças de Peterson e Seligman (2004). Cada um dos 24 pontos fortes é medido por dez subescalas de itens que representa cada uma das 24 forças de caráter. Este inventário mostrou boa consistência interna e foi considerado uma medida válida e fiável do funcionamento positivo (Park e Peterson, 2006; Ruch et al., 2010).

O VIA-IS foi desenvolvido, originalmente, para os Estados Unidos da América, mas a literatura demonstra que os pontos fortes do caráter incluídos na VIA-IS têm se mostrado omnipresentes através de sua validação empírica em diversos contextos culturais e países de

todo o mundo (Dahlsgaard et al., 2005). Pese embora, o instrumento levanta críticas e preocupações, uma vez que não inclui e avalia as forças e virtudes ligadas à cultura, como honra ou vergonha nas tradições do Oriente Médio (Lambert et al., 2015).

Devido às questões relacionadas com os custos de tempo, o VIA-IS foi reduzido para o VIA-IS-120. O Inventário de Pontos de Força em Valores (VIA-IS-120) (Park & Peterson, 2006) foi usado para avaliar as forças de caráter. Trata-se de um questionário de autorrelato com 120 itens que avalia vinte e quatro pontos fortes medido por cinco itens por força, numa escala *likert* de 5 pontos (1 = muito parecido comigo a 5 = muito diferente de mim).

A análise realizada para as 24 forças do VIA-IS-120 revelou a existência de quatro fatores significativos sendo elas: (1) Força Interpessoal, (2) Forças Cognitivas, (3) Transcendência e (4) Forças de Restrição. O VIA-IS-120 mostra ter alta consistência interna (alfa de Cronbach = 0,79) semelhante à escala original – VIA-IS (Park & Peterson, 2006).

Mais recentemente, para além destas escalas para adultos, desenvolveram ainda outra versão abreviada do VIA-IS, o VIA *Survey*-72. A versão utilizada na presente investigação baseia-se no VIA *Survey*-72 designada por Escala dos Valores em Ação (EVA-72) traduzido e adaptado para a população portuguesa que será descrito posteriormente no presente estudo.

Valores e Virtudes

Como vimos anteriormente, os valores e as virtudes são fundamentais para compreendermos as diferenças individuais, sendo manifestado em termos comportamentais (Peterson & Seligman, 2004; Schwartz, 1992). Contudo, estas têm sido estudados separadamente, não tendo em conta os efeitos de uma possível interação entre eles.

Tendo por base as definições conceituais dos valores de Schwartz (1994) e das virtudes e respetivas forças de caráter (Peterson & Seligman, 2004) percebemos uma relação de proximidade entre ambas.

O objetivo primordial que define a autodireção é a independência de pensamento e de ação - escolher, criar e explorar (Schwartz, 1994). Os valores que lhe estão subjacentes são os valores de criatividade, liberdade, independência, curiosidade e escolher as metas individuais (Schwartz, 1994). Por seu turno, a virtude da Sabedoria/Conhecimento é identificada por meio de características de aquisição e uso de conhecimento, tais como a criatividade, curiosidade, pensamento crítico, amor pela aprendizagem e perspetiva (Martínez-Martí & Ruch, 2014).

Logo, parece existir uma proximidade entre o valor da autodireção virtude da sabedoria/conhecimento.

O mesmo acontece com o valor da estimulação. Esta define-se pela a excitação, novidade e desafio na vida (Schwartz, 1994). Os valores incluídos neste tipo de motivacional são os valores da ousadia, vida excitante e variada (Schwartz, 1994). Pela virtude da sabedoria/conhecimento, mais especificamente, pela força de caráter curiosidade, existe um desejo intrínseco por novas experiências e conhecimento. Por isso, estes construtos parecem estar próximos.

O Hedonismo é definido pelo prazer e gratificação sensual para si mesmo (Schwartz, 1994). Prazer em gozar a vida, felicidade e jovialidade são os valores que estão subjacentes ao domínio hedonismo (Schwartz, 1994). Atendendo às definições das virtudes e respetivas forças de caráter, parece não haver qualquer ligação entre este valor e qualquer virtude.

O objetivo motivador da realização é o sucesso pessoal obtido através do reconhecimento e demonstração de competência, em conformidade com os padrões sociais (Schwartz, 1994). Os valores que se encontram neste domínio são a ambição, influência pessoal, inteligência, ser capaz, e bem-sucedido (Schwartz, 1994). As virtudes mais próximas a esta definição é a da sabedoria/conhecimento, em específico, amor pela aprendizagem e a virtude da coragem. Deste modo, esperamos encontrar uma relação com estas virtudes.

O valor de poder define-se pelo estatuto social e prestígio, controlo ou domínio sobre pessoas e recursos (Schwartz, 1994). Os valores inerentes ao poder são o poder social, autoridade, preservação da imagem pública pessoal, reconhecimento social e fortuna (Schwartz, 1992). Por sua vez, a virtude da Justiça é formada por forças cívicas que fundamentam a vida saudável da comunidade. Geralmente, refere-se à crença de que as recompensas devem ser repartidas de acordo com as contribuições ou mérito de cada pessoa, obtendo o que merecem. Assim, os exemplos de justiça próximos a este valor são aqueles de natureza cívica, cidadania e liderança (Martínez-Martí & Ruch, 2014; Peterson & Seligman, 2004).

A segurança define-se por harmonia e estabilidade da sociedade, dos relacionamentos e de si mesmo (Schwartz, 1994). Inclui os valores de ordem social, segurança familiar, segurança nacional, reciprocidade de favores, sentido de pertença, limpeza e saúde (Schwartz, 1994). A virtude da Humanidade diz respeito ao comportamento altruísta ou pró-social (Martínez-Martí & Ruch, 2014), pelo que tem uma proximidade com a segurança pela

preocupação com a estabilidade da sociedade. A virtude da Justiça é formada por forças cívicas que fundamentam a vida saudável da comunidade. Assim, os exemplos de justiça são aqueles de natureza cívica, cidadania, liderança e trabalho em equipa (Martínez-Martí & Ruch, 2014; Peterson & Seligman, 2004), podendo ligar-se à segurança por via da sua natureza cívica. A virtude da Temperança está relacionada ao dito popular “tudo com moderação”, sendo essa virtude o controlo sobre o excesso, como por exemplo, o controle do apetite, do fumo e da bebida. A Temperança é uma forma de autonegação, o controlo de impulsos indesejáveis que seja benéfico para si e para o outro, sendo que a prudência e humildade são os principais exemplos (Martínez-Martí & Ruch, 2014; Peterson & Seligman, 2004), aproximando-se da segurança por via deste auto-controlo.

A Conformidade é definida pelo controlo de impulsos e ações que podem prejudicar os outros e violar normas ou expectativas sociais. Os valores associados a este domínio são a obediência, a autodisciplina, o autocontrolo, o respeito pelos outros e a educação (Schwartz, 1994). Pelo que já foi referido acima relativamente à virtude da justiça podemos referir a ligação às normas e expectativas sociais. A este valor também podemos ligar a virtude da Temperança que está relacionada com o controlo sobre o excesso e sobre impulsos indesejáveis (Martínez-Martí & Ruch, 2014; Peterson & Seligman, 2004).

O valor da tradição define-se pelo respeito, compromisso e aceitação das ideias e dos costumes impostos por uma determinada cultura ou religião. Os valores inerentes à tradição são o respeito pela tradição, aceitar a própria vida, ser devoto, ser humilde e moderado (Schwartz, 1994). Do mesmo modo, que com o valor conformidade, podemos pensar numa ligação com a Justiça e Temperança (Martínez-Martí & Ruch, 2014; Peterson & Seligman, 2004). Aliás, parece congruente que estes valores que se sobrepõe no continuum dos valores estejam relacionados com as mesmas virtudes.

Define-se benevolência pela preservação e promoção do bem-estar das pessoas que nos são próximas, na sua interação diária (Schwartz, 1994). Os valores inerentes à benevolência são a honestidade, indulgência, ser prestável, leal e responsável (Schwartz, 1994). A virtude da Humanidade diz respeito ao comportamento altruísta ou pró-social. Esta ocorre mesmo sem que o indivíduo receba qualquer troca vantajosa, sendo a empatia e simpatia subjacentes a comportamentos admiráveis (Martínez-Martí & Ruch, 2014). A virtude da Transcendência diz respeito ao que está além do conhecimento humano, sendo definida, em sentido amplo, como a conexão com algo grandioso, a crença de que há um sentido ou propósito maior do que nós

mesmos. A Transcendência separa-se da religiosidade e espiritualidade, embora ambos os conceitos sejam exemplos do que significa essa virtude. Aquilo que é transcendente não precisa ser sagrado, tampouco divino. Pode ser algo ou alguém que inspira esperança ou gratidão, que faça com que as preocupações cotidianas pareçam insignificantes (Martínez-Martí & Ruch, 2014; Peterson & Seligman, 2004). Assim, este valor parece estar naturalmente associado com estas duas virtudes.

O objetivo motivacional do universalismo define-se por entender, apreciar e proteger o bem-estar de todas as pessoas e da natureza (Schwartz, 1994). Os valores inerentes ao universalismo são a igualdade, a união com a natureza, a paz no mundo, a sabedoria, a justiça social, a proteção do ambiente e a harmonia interior são valores que subjazem ao universalismo (Schwartz, 1994). O Universalismo e a Benevolência são valores adjacentes no continuum de valores pelo que naturalmente se encontram ligados com as mesmas virtudes, no caso a humanidade e transcendência.

Sintomatologia Depressiva

A palavra *depressão* é, frequentemente, utilizada no âmbito da linguagem cotidiana. É provavelmente a mais antiga e uma das doenças psiquiátricas mais diagnosticadas. Embora tenha sido incorporada na linguagem cotidiana, tem sido alvo de diferentes conceitualizações, no que respeita à sua nosologia e etiologia. (Del Porto, 1999).

A depressão tem vindo a ser estudada ao longo da história e é uma das perturbações mentais que afeta mais de 300 milhões de pessoas a nível global, equivalentes a 4,4% da população mundial (Carvalho, 2017). A depressão, em termos mundiais, é mais prevalente no feminino (5,1%) do que no masculino (3,6%) mas não só, as taxas de prevalência variam de acordo com a idade sendo que a mesma atinge o pico na idade adulta mais avançada (Carvalho, 2017).

Segundo a Organização Mundial de Saúde [OMS] (2002) “*As perturbações depressivas são caracterizadas por tristeza, perda de interesse ou prazer, sentimentos de culpa ou de autoestima baixa, perturbações do sono ou do apetite, sensação de cansaço e baixo nível de concentração. A depressão pode ser duradoura ou recorrente, prejudicando substancialmente a capacidade de uma pessoa funcionar no trabalho ou na escola ou lidar com a vida diária. Na sua forma mais grave, a depressão pode levar ao suicídio.*”

As altas prevalências de sintomas depressivos têm levado à reflexão sobre os fatores precipitantes e diagnóstico e o comportamento dos indivíduos em relação ao tratamento médico

e consumo de medicamentos (Annequin, Weill, Thomas, & Chaix, 2015). A literatura aponta que o consumo de medicamentos - os antidepressivos - têm aumentado e que apesar de serem prescritos sob orientação médica, nem sempre são seguidos com rigor (Abbing-Karahagopian, et al., 2014). Annequin e colaboradores (2015) verificaram que o consumo de antidepressivos tem sido maior entre as mulheres.

Na linguagem corrente, o termo depressão pode ser entendido enquanto estado afetivo normal (tristeza), sintoma e síndrome (Teles, 2017). Enquanto estado afetivo normal, a depressão representa a tristeza normal da vida psíquica que, quando em níveis muito elevados constitui-se como um sinal de alerta para o desenvolvimento de episódios/estados depressivos. A tristeza é uma emoção natural no ser humano e consiste numa resposta humana universal no que concerne às situações de perda bem como desilusões ou frustrações do dia-a-dia (Del Porto, 1999; Teles, 2017). Enquanto sintoma, estes são, muitas vezes, escondidos e a depressão pode surgir como uma manifestação secundária de outras perturbações físicas e/ou mentais (Apóstolo, Figueiredo, Mendes, & Rodrigues, 2011). Finalmente, enquanto síndrome, a depressão inclui alterações de humor, tais como, tristeza, irritabilidade, ausência de capacidade para sentir prazer, e apatia (Del Porto, 1999).

A depressão é um estado emocional muito doloroso, portanto, uma doença grave que deve ser tratada, desmistificada e melhor esclarecida na população, pois afeta drasticamente a vida social e pessoal do indivíduo, impedindo-o de ter qualidade de vida em todos os aspetos (Peron, Neves, Brandão, & Vicentini, 2008). A falta de diagnóstico dessas condições, a depressão, na sua forma mais grave, pode levar ao suicídio e homicídio (Carvalho, 2017).

Muitos são os fatores podem ser desencadeadores dessas condições. Os fatores causais da depressão são divididos em fatores biológicos, genéticos e psicossociais. A genética pode ser um fator significativo no desenvolvimento de um quadro depressivo, pese embora, um indivíduo não irá definitivamente desenvolver a depressão só porque sua mãe, pai ou irmã são deprimidos, mas o seu risco aumenta (Berlim & Fleck, 2001).

As perturbações depressivas incluem duas subcategorias principais, (1) perturbação depressiva major e a (2) perturbação depressiva persistente (American Psychiatric Association [APA], 2014).

Relativamente à perturbação depressiva major/episódio depressivo, esta envolve sintomas como humor deprimido, perda de interesse e do prazer e diminuição da energia; dependendo do número e gravidade dos sintomas, um episódio depressivo pode ser categorizado como ligeiro, moderado ou grave (APA, 2014; Carvalho, 2017).

No que concerne à perturbação depressiva persistente, esta é uma forma crónica de depressão ligeira e os seus sintomas são semelhantes aos do episódio depressivo, mas tendem a ser menos intensos e durar mais tempo (APA, 2014; Carvalho, 2017).

De acordo com as estatísticas da OMS (2002), prevê-se que em 2020, a depressão será a segunda doença prevalente na população, uma vez que Portugal é o quarto país com maior taxa de depressão, atualmente.

Partindo do pressuposto que os valores e as virtudes refletem-se em manifestações comportamentais, e, sabendo que na perturbação depressiva observa-se alterações no comportamento, será que as alterações comportamentais consequentes desta perturbação implicam, também, uma alteração dos valores e das virtudes?

Objetivo, Hipótese e Questão de Investigação

Este estudo tem como principal contributo, para a investigação na área da Psicologia, perceber como os valores e as virtudes se caracterizam em indivíduos com sintomatologia depressiva. O que leva à formulação da seguinte questão de investigação: *“Qual a associação entre valores e virtudes em indivíduos com sintomatologia depressiva?”*.

Face ao exposto, esperamos encontrar uma associação entre os valores e as virtudes em indivíduos com sintomatologia depressiva. Mais ainda, esperamos encontrar diferenças estatisticamente significativas ao nível dos valores e das virtudes em função do sexo.

Métodos

Tipo de estudo

De acordo com a tipologia de Montero e León (2007) é importante mencionar que se trata de um estudo empírico quantitativo, *ex post facto*, desenho retrospectivo para um grupo e medidas múltiplas.

A variável independente é a sintomatologia depressiva e as variáveis dependentes são os valores e as virtudes.

Participantes

A amostra do estudo é não probabilística, uma vez que não se conhece o tamanho do universo e os sujeitos foram escolhidos em função de alguns critérios subjetivos (Ariboni & Perito, 2004; Gil, 1999 citado por Marotti, Galhardo, Furuyama, Pigozzo, Campos, & Laganá, 2008). Para a seleção da amostra foram considerados como critérios de inclusão idade igual ou superior a 18 anos, diagnosticados com sintomatologia depressiva, tendo obtido uma pontuação no SCID-5 de dois pontos ou mais e serem utentes de um dos dois hospitais do Norte do país onde foram realizados os procedimentos de recolha de dados para este estudo. Para além disso têm de ser de nacionalidade portuguesa, não existindo restrição quanto ao sexo dos sujeitos. No que concerne aos critérios de exclusão, não foram incluídos sujeitos com idade inferior a 18 anos, que não tinham nacionalidade portuguesa e que tenham pontuado na SCID-5 um valor inferior a 2.

Desta forma, neste estudo participaram um total de 49 sujeitos, 39 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e 67 anos ($M = 45.71$, $DP = 11.21$). No que respeita a escolaridade, a maioria dos participantes concluíram o 1º ciclo do ensino básico. Relativamente à ocupação, a maioria encontrava-se desempregada e, no que concerne ao estado civil, eram maioritariamente, casados (Tabela 3).

Tabela 3

Caraterização sociodemográfica dos participantes.

Variáveis sociodemográficas	N	%
Sexo		
Feminino	39	79.6
Masculino	10	20.4
Escolaridade		
1º Ciclo do ensino básico	14	29.2
2º Ciclo do ensino básico	10	20.8
3º Ciclo do ensino básico	11	22.9
Ensino secundário	10	20.8
Licenciatura	3	6.3

Profissão		
Estudante	3	6.8
Empregado	15	34.1
Trabalhador/Estudante	8	18.2
Desempregado	17	38.6
Reformado	1	2.3
Estado Civil		
Solteiro	10	20.8
União de facto	1	2.1
Casado	27	56.3
Divorciado	9	18.8
Viúvo	1	2.1

Instrumentos de Avaliação

Questionário sociodemográfico.

O questionário sociodemográfico foi administrado a fim de recolher informações gerais dos sujeitos com sintomatologia depressiva sendo passado individualmente a todos os participantes. Todas as questões são de resposta curta e/ou de escolha múltipla. Estas são referentes à idade, nacionalidade, sexo, nível de escolaridade, profissão/ocupação, estado civil, composição do agregado familiar e ao rendimento mensal líquido do agregado familiar. Deste questionário, nem todas as questões foram utilizadas para análise e, para ir ao encontro do objetivo do presente estudo utilizamos as variáveis sexo, idade, nacionalidade, estado civil e escolaridade.

Entrevista clínica estruturada para as perturbações do DSM-5 (SCID-5).

A entrevista clínica estruturada para as perturbações do DSM-5 (SCID-5) foi utilizada para realizar e confirmar o diagnóstico da perturbação depressiva nos indivíduos. É um guião de entrevista que apenas pode ser aplicado por um clínico ou por um profissional na área de saúde mental que se encontre devidamente familiarizado com os critérios de diagnóstico e com a classificação do DSM-5 (First, Williams, Karg, & Spitzer, 2015).

Neste estudo, foi utilizada uma versão reduzida da SCID-5, composta por 23 itens. Estas referem-se a problemas que têm incomodado os sujeitos nas duas últimas semanas. A escala

usada é do tipo *likert* de 4 pontos (0 - Nada; 4 - Quase todos os dias). Este instrumento foi, exclusivamente, administrado aos sujeitos que eram alvo de acompanhamento na ala psiquiátrica dos hospitais da zona Norte do país.

Inventário de valores de vinte itens (IVVI).

O inventário de valores de vinte itens - IVVI é composto por 20 itens que se propõem a medir os 10 valores motivacionais de acordo com a tipologia de Schwartz (Schwartz et al., 2012). A escala está organizada em 10 valores fazendo corresponder dois itens a cada valor (Tabela 4) (Schwartz et al., 2012).

Ao nível do preenchimento do inventário, os participantes são convidados a selecionar, numa escala tipo *likert*, entre “1) Não é nada parecida comigo”, “2) Não é parecida comigo“, “3) Pouco parecida comigo“, “4) Algo parecida comigo“, “5) Parecida comigo“ e “6) Muito parecida comigo” em cada afirmação (Sandy, Gosling, Schwartz, & Koelkebeck, 2017).

Tabela 4

Descrição do instrumento IVVI.

Valores	Itens correspondentes
Conformidade	1, 11
Tradição	2, 12
Benevolência	3, 13
Universalismo	4, 14
Autodireção	5, 15
Estimulação	6, 16
Hedonismo	7, 17
Realização	8, 18
Poder	9, 19
Segurança	10, 20

Via Survey-72

O VIA *Survey-72*, designado por escala dos valores em ação – EVA-72, é um questionário constituído por 72 itens de autorrelato sobre o qual os indivíduos descrevem de que forma a situação se aplica a cada um deles e cada item mede dimensões de virtudes e forças de carácter. Como descrito na introdução o VIA *Survey-72* foi criado no VIA *Institute on Character* utilizando a versão original VIA-IS, extraindo os 3 itens com maior consistência

interna de cada dimensão (McGrath, 2017). Os 72 itens avaliam as 24 forças de caráter e, correspondentemente, estas descrevem as 6 virtudes centrais. Estas 24 forças de caráter estão representadas nesse instrumento figurando em 3 itens cada (Tabela 5).

Os itens são classificados de acordo com uma escala tipo *likert* de cinco pontos, variando entre: “1) Nada como eu”, “2) Não é como eu”, “3) Neutro”, “4) Como eu” e “5) Muito como eu”.

O VIA *Institute on character* (2001) considera o VIA *Survey-72* substancialmente equivalente à versão longa original do VIA-IS considerando a validade e a fidelidade.

Tabela 5

Descrição do instrumento VIA Survey-72.

Virtudes	Forças de Caráter	Itens correspondentes
Sabedoria e Conhecimento	Criatividade	27, 36, 48
	Curiosidade	13, 25, 45
	Pensamento crítico	47, 56, 64
	Amor pela aprendizagem	26, 46, 63
	Perspetiva	28, 49, 70
Coragem	Bravura	1, 20, 37
	Persistência	2, 7, 21
	Integridade	3, 29, 38
	Vitalidade	34, 44, 69
Humanidade	Amor	39, 50, 58
	Bondade	8, 15, 57
	Inteligência Social	6, 14, 65
Justiça	Cidadania	51, 59, 66
	Equidade	22, 30, 71
	Liderança	9, 16, 31
Temperança	Perdão e Misericórdia	12, 35, 62
	Humildade e Modéstia	24, 54, 61
	Prudência	41, 60, 67
	Autorregulação	10, 17, 40
Transcendência	Apreciação de beleza	18, 23, 42
	Gratidão	32, 52, 68
	Esperança	4, 19, 53
	Humor	33, 55, 72
	Espiritualidade	5, 11, 43

Adaptado de VIA *Institute on Character* (2001).

Procedimento

Inicialmente, foi obtida a autorização e a devida confirmação por parte do Ministério da Saúde para se realizar o estudo, presencialmente, em dois hospitais da zona Norte do país. Após a aprovação, procedeu-se à elaboração do consentimento informado e posterior recolha dos dados. O período de recolha decorreu durante o ano letivo 2018/2019 - entre outubro e maio de 2019.

Foi entregue aos participantes o consentimento informado, o questionário sociodemográfico, a entrevista clínica semiestruturada para as perturbações do DSM-5 (SCID-5), o inventário de valores de vintes itens (IVVI) e o VIA *Survey*-72. Antes do preenchimento de qualquer questionário os participantes efetuaram a leitura do consentimento informado, tendo sido dado espaço para colocação de questões das quais todas obtiveram resposta.

Os procedimentos cumpriram o estipulado pela Ordem dos Psicólogos Portugueses [OPP] (2011), tendo em consideração os pressupostos éticos em investigação. A recolha dos dados respeitou e salvaguardou a integridade dos participantes. A sua participação foi voluntária garantindo sempre o anonimato e a confidencialidade dos dados, assegurando que os mesmos se destinavam exclusivamente para efeitos da investigação e que poderiam desistir a qualquer momento. Após todas estas questões foram administrados os instrumentos.

Análise de dados

Os dados obtidos dos questionários foram analisados, quantitativamente, através do *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* versão 23.

Para a caracterização da amostra recorreu-se à estatística descritiva que, segundo Martins (2011) é aquela que permite descrever, de forma sucinta, um conjunto de dados.

Foi testada a normalidade da variância para as diferentes subescalas através do teste de Shapiro-Wilk. A maioria das subescalas não cumpriram com os requisitos de normalidade. Deste modo, realizou-se a estatística paramétrica e a não paramétrica. Como os resultados obtidos foram semelhantes optou-se para apresentação da estatística paramétrica visto ser uma análise mais robusta (Fife-Schaw, 2006).

Com o intuito de verificar a existência de diferenças de médias estatisticamente significativas em função do sexo em relação às dimensões dos valores e das virtudes foram conduzidos testes t para amostras independentes.

Por fim, para verificar se as dimensões dos valores e das virtudes estão associadas em indivíduos com sintomatologia depressiva procedeu-se à elaboração do coeficiente de correlação de Pearson.

Resultados

Caraterização ao nível dos valores e virtudes

Da análise efetuada, podemos observar que os indivíduos que participaram neste estudo pontuaram mais alto nos valores benevolência, universalismo, conformidade e segurança, e pontuaram mais baixo nos valores estimulação e poder (tabela 6a).

Do mesmo modo, os resultados apontam que as virtudes mais pontuadas são justiça e humanidade e, a que obteve menor pontuação foi a virtude sabedoria (tabela 6b).

Tabela 6

Caraterização ao nível dos valores e virtudes.

	Média (DP)
Conformidade	4.94 (.84)
Tradição	4.14 (1.15)
Benevolência	5.18 (.73)
Universalismo	5.10 (.91)
Autodireção	4.38 (1.06)
Estimulação	2.94 (1.26)
Hedonismo	3.80 (1.29)
Realização	3.82 (1.31)
Poder	2.48 (1.20)
Segurança	4.67 (.91)

(a) ao nível dos valores

	Média (DP)
Sabedoria	3.16 (.63)
Coragem	3.46 (.53)
Humanidade	3.87 (.51)
Justiça	3.92 (.55)
Temperança	3.55 (.55)
Transcendência	3.36 (.69)

(b) ao nível das virtudes

Diferenças entre sexos ao nível dos valores e virtudes

A análise permitiu verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas em função do sexo ao nível das dimensões dos valores: Conformidade, $t(15) = .938, p = .363$, Tradição, $t(13) = 1.054, p = .311$, Benevolência, $t(16) = .352, p = .730$, Universalismo, $t(20) = .703, p = .490$, Autodireção, $t(12) = -.231, p = .821$, Estimulação, $t(13) = .415, p = .685$, Hedonismo, $t(16) = .455, p = .656$, Realização, $t(17) = 1.809, p = .088$, Poder, $t(14) = -.408, p = .690$, e Segurança, $t(16) = 1.418, p = .175$ (Tabela 7a).

De igual modo, os resultados apontam que as dimensões das virtudes não diferem estatisticamente em função do sexo: Sabedoria, $t(14) = -.720, p = .483$, Coragem, $t(12) = .098, p = .924$, Humanidade, $t(11) = -.364, p = .723$, Justiça, $t(10) = -.416, p = .686$, Temperança, $t(12) = -.277, p = .786$, e Transcendência, $t(15) = .470, p = .645$ (Tabela 7b).

Tabela 7

Diferenças entre sexos ao nível dos valores e virtudes.

	Feminino (n=39)	Masculino (n=10)
	Média (DP)	Média (DP)
Conformidade	4.88 (.85)	5.15 (.78)
Tradição	4.04 (1.12)	4.50 (1.22)
Benevolência	5.17 (.76)	5.25 (.63)
Universalismo	5.06 (.97)	5.25 (.68)
Autodireção	4.39 (1.03)	4.30 (1.23)
Estimulação	2.90 (1.24)	3.10 (1.41)
Hedonismo	3.76 (1.33)	3.95 (1.65)
Realização	3.67 (1.33)	4.40 (1.07)
Poder	2.51 (1.21)	2.34 (1.19)
Segurança	4.59 (.94)	5.00 (.78)

(a) Diferenças ao nível dos Valores

	Feminino (n=39)	Masculino (n=10)
	Média (DP)	Média (DP)
Sabedoria	3.19 (.63)	3.03 (.64)
Coragem	3.45 (.51)	3.48 (.61)
Humanidade	3.88 (.47)	3.80 (.68)
Justiça	3.94 (.44)	3.82 (.87)
Temperança	3.56 (.53)	3.50 (.66)
Transcendência	3.34 (.71)	3.45 (.65)

(b) Diferenças ao nível das Virtudes

Associação entre dimensões dos valores e virtudes

Na tabela 8 são apresentadas as correlações entre as diferentes dimensões dos valores e das virtudes.

Tabela 8

Correlações entre dimensões dos valores e das virtudes.

	CNF	TRD	BEN	UNI	ATD	EST	HED	RLZ	PDR	SEG	SAB	COR	HUM	TEMP	TRNS	JUS
CNF	1	.465**	.620**	.430**	.179	-.009	.185	.230	-.054	.452**	.070	0.271	.338*	.216	.117	.365**
TRD		1	.242	.147	.205	.086	.092	.495**	.127	.150	-.184	.039	.007	-.137	.202	-.007
BEN			1	.632**	.385**	.192	.342*	.186	.052	.409**	.440**	.384**	.612**	.482**	.325**	.585**
UNI				1	.542**	.173	.496**	.201	-.121	.421**	.349*	.286*	.442**	.400**	.301*	.338*
ATD					1	.260	.469**	.331*	.357*	.377**	.560**	.330*	.500**	.302*	.485**	.275
EST						1	.661**	.413**	.452**	.154	.412**	.459**	.269	.405**	.447**	.231
HED							1	.446**	.318*	.224	.476**	.441**	.417**	.490**	.571**	.407**
RLZ								1	.387**	.187	.192	.243	.129	.108	.291*	.084
PDR									1	-.024	.387**	.230	.136	.088	.309*	.011
SEG										1	.291*	.355*	.411**	.398**	.252	.395**
SAB											1	.497**	.701**	.641**	.631**	.533**
COR												1	.648**	.483**	.504**	.479**
HUM													1	.633**	.606**	.689**
TEMP														1	.396**	.642**
TRNS															1	.299*
JUS																1

Nota * p<0.05; ** p<0.01

CNF = conformidade, TRD = tradição, BEN = benevolência, UNI = universalismo, ATD = autodireção, EST = estimulação, HED = hedonismo, RLZ = realização, PDR = poder e SEG = segurança, dimensões dos valores;

SAB = sabedoria, COR = coragem, HUM = humanidade, TEMP = temperança, TRNS = transcendência e JUS = justiça, dimensões das virtudes.

Da análise realizada foi possível verificar que os valores de tradição não se correlacionam com nenhuma das virtudes como se pode verificar na tabela 7. O mesmo acontece com o valor poder que não apresenta correlação com a maioria das virtudes, à exceção da virtude da sabedoria, $r = .387, p = .006$, e da virtude da transcendência, $r = .309, p = .031$.

Relativamente aos valores de conformidade, observa-se que existe uma correlação positiva com as virtudes da humanidade, $r = .338, p = .017$, e da justiça, $r = .365, p = .010$.

Adicionalmente, constata-se que existe uma correlação positiva entre os valores de benevolência com as virtudes relacionadas com a sabedoria, $r = .440, p = .002$, a coragem, $r = .384, p = .006$, a humanidade, $r = .612, p = .000$, a temperança, $r = .482, p = .000$, a transcendência, $r = .325, p = .023$, e a justiça, $r = .585, p = .000$.

Do mesmo modo, a dimensão universalismo apresenta uma correlação positiva com as virtudes da sabedoria, $r = .349, p = .014$, da coragem, $r = .286, p = .046$, da humanidade, $r = .442, p = .001$, da temperança, $r = .400, p = .004$, da transcendência, $r = .301, p = .036$, e da justiça, $r = .338, p = .017$.

No que concerne aos valores de autodireção, estes apresentam uma correlação positiva com a virtude da sabedoria, $r = .560, p = .000$, da coragem, $r = .330, p = .021$, da humanidade, $r = .500, p = .000$, da temperança, $r = .302, p = .035$, e da transcendência, $r = .485, p = .000$.

No que concerne aos valores de estimulação, os resultados obtidos apontam para a existência de uma correlação positiva com quatro virtudes entre as quais: sabedoria, $r = .412, p = .003$, coragem, $r = .459, p = .001$, temperança, $r = .405, p = .004$, e transcendência, $r = .447, p = .001$.

A dimensão hedonismo apresenta uma correlação positiva com as seguintes virtudes: sabedoria, $r = .476, p = .001$, coragem, $r = .441, p = .002$, humanidade, $r = .417, p = .003$, temperança, $r = .490, p = .000$, transcendência, $r = .571, p = .000$, e justiça, $r = .407, p = .004$.

Relativamente ao valor da realização, esta apresenta uma correlação positiva com uma das virtudes, sendo ela a transcendência, $r = .291, p = .042$.

Por fim, os valores de segurança apresentam uma correlação positiva com todas as virtudes, designadamente: sabedoria, $r = .291, p = .043$, coragem, $r = .355, p = .012$, humanidade, $r = .411, p = .003$, temperança, $r = .398, p = .005$, e justiça, $r = .395, p = .005$.

Discussão dos Resultados

O presente estudo teve como objetivo primordial perceber de que forma valores e virtudes se associam em indivíduos com sintomatologia depressiva. Apesar de existir uma vasta investigação acerca dos valores e das virtudes, os mesmos debruçam-se sobre o estudo das mesmas de forma isolada. Existe, portanto, escassez nos estudos que apresentem a associação entre estes construtos, teoricamente próximos.

De um modo geral, verificamos quais (1) os valores e virtudes que obtiveram maior e menor pontuação; (2) não existem diferenças ao nível dos valores e das virtudes entre mulheres e homens; e (3) parece existir uma associação entre valores e virtudes em indivíduos que apresentam sintomatologia depressiva.

De acordo com os resultados obtidos, os indivíduos com sintomatologia depressiva parecem valorizar mais os valores da benevolência, universalismo, conformidade e segurança em detrimento dos valores da estimulação e poder.

A valorização de valores como a benevolência e o universalismo parecem um pouco desenquadrados quando pensamos que estes valores se referem ao bem-estar do outro (Schwartz, 1994) e, indivíduos com sintomatologia depressiva têm um pensamento autocentrado e por isso, são mais preocupadas consigo mesmas (Quevedo, Nardi, & Silva, 2018). No entanto, esta centração em si próprio pode levar a que olhem para estes valores, não como uma preocupação com o bem-estar do próximo, mas como uma preocupação do próximo pelo seu próprio bem-estar. Relativamente ao conformismo, é natural que, dado o baixo desempenho intelectual e a indiferença nas atitudes (Quevedo, Nardi, & Silva, 2018), indivíduos com sintomatologia depressiva parece dar mais valor ao conformismo, que se caracteriza por controlo de impulsos que possam violar normas sociais (Schwartz, 1994). Por outro lado, relativamente à segurança, esta aparece, eventualmente, porque estes indivíduos podem sentir-se inseguros e, portanto, tendem a dar muito valor à proteção e à estabilidade que são sentimentos que, usualmente, não sentem (Quevedo, Nardi, & Silva, 2018).

No que concerne à estimulação, esta caracteriza-se pela excitação e o desafio (Schwartz, 1994). Ora, se eles têm como característica cognitiva, o mutismo, o baixo desempenho intelectual e, principalmente, a diminuição da criatividade (Quevedo, Nardi, & Silva, 2018), parece congruente não estarem abertos à excitação e ao desafio a fim de manter a sua atividade num nível ótimo (Schwartz, 1994). Por fim, relativamente ao poder, as mesmas características cognitivas, como o mutismo e o baixo desempenho intelectual, (Quevedo, Nardi, & Silva,

2018) não permitem que estes indivíduos sintam que têm prestígio ou controlo sobre os outros (Schwartz, 1994).

Relativamente às virtudes, nenhuma delas se destaca apresentando sempre valores médios, o que é natural dada a indiferença na atitude, característico destes indivíduos (Quevedo, Nardi, & Silva, 2018). Ainda assim, pontuam mais na humanidade, associada bondade e equidade, dado que podem desejar que os outros sejam justos com eles (Peterson & Seligman, 2004). Por outro lado, pontuam menos a sabedoria e conhecimento, o que também era esperado devido ao baixo desempenho cognitivo que os indivíduos com sintomatologia depressiva manifestam (Quevedo, Nardi, & Silva, 2018).

Quando analisadas as diferenças ao nível dos valores e das virtudes em função do sexo dos participantes não foram verificadas diferenças significativas. No entanto, Schwartz e Rubel (2005) verificaram que as mulheres valorizavam mais os valores de benevolência, universalismo, segurança e tradição e, os homens, por sua vez, valorizavam mais os valores de autodireção, estimulação, realização, poder e hedonismo. De igual modo, Ferragut, Blanca e Ortiz-Tallo (2014) verificaram que as mulheres apresentavam pontuações mais elevadas nas virtudes de sabedoria, coragem, humanidade, temperança, transcendência e justiça do que os homens. O facto de não terem sido encontradas diferenças significativas entre homens e mulheres neste estudo pode estar, em primeiro lugar, relacionado com o número reduzido de participantes, bem como com o facto de existirem apenas 10 participantes do sexo masculino. Para além disso, os estudos encontrados que faziam menção às diferenças entre homens e mulheres foram realizados em populações normativas, ao passo que, neste estudo, os participantes apresentam uma condição clínica, i.e., sintomatologia depressiva. Embora não se tenham encontrado resultados adicionais neste sentido, poderá pensar-se que não foram verificadas diferenças significativas entre homens e mulheres, uma vez que as diferenças ao nível dos valores e das virtudes podem ser melhores explicados pela presença da sintomatologia depressiva (Góngora, 2007), ou outros fatores como o contexto socioeconómico ou cultural (Schwartz & Bilsky, 1987). De facto, estes construtos não são estáveis, mas dependem da sociedade e do meio onde estamos inseridos, dependendo, também da satisfação que cada indivíduo concentra sobre os mesmos (Peterson & Seligman, 2004; Schwartz & Bilsky, 1987). Indivíduos com diferentes origens culturais podem fazer com que estes optem por outro tipo de valores e que expressem as suas virtudes de maneira diferentes (Peterson & Seligman, 2004; Schwartz & Bilsky, 1987). Seria interessante compreender de que forma é que a cultura poderá influenciar na escolha dos valores e colocá-los em prática, uma vez que tem consequências significativas para o bem-estar do próprio (Peterson & Seligman, 2004). Perante

este cenário, torna-se pertinente que em futuras investigações comparem valores e virtudes na população normativa, bem como em população clínica.

Relativamente à associação entre valores e virtudes, verificamos que, nos indivíduos com presença de sintomatologia depressiva, o valor tradição é o único que não apresenta correlação significativa com nenhuma das dimensões das virtudes. Isto pode dever-se ao facto de os indivíduos com sintomatologia depressiva geralmente estarem centrados em pensamentos negativos sobre si próprios e sobre a sua própria condição (Gotlib & Joormann, 2010) e, portanto, seria de esperar uma baixa pontuação relativamente a este valor, pelo facto de não estarem preocupados com o compromisso e aceitação das ideias e costumes impostos (Schwartz, 1994).

Observamos que os valores da benevolência, do universalismo e do hedonismo estavam positivamente correlacionados com todas as virtudes. No entanto, verificou-se que a benevolência e o universalismo apresentaram uma relação mais forte com a humanidade. Segundo Schwartz (1994) a benevolência caracteriza-se pela preservação e valorização do bem-estar das pessoas e o universalismo define-se pela compreensão, tolerância e proteção do bem-estar de todos e da natureza. Peterson e Seligman (2004), por sua vez, definiram a humanidade como uma virtude que traduz a generosidade, compaixão e cuidado pelo outro. Apesar de não terem sido encontrados estudos que corroborem estes resultados, pela similaridade dos construtos este era um resultado esperado e que vai de encontro à hipótese formulada. Por outro lado, o hedonismo apresentou uma correlação mais forte com a transcendência. O hedonismo caracteriza-se pela procura do prazer, satisfação e gratificação sensorial para o próprio (Schwartz, 1994) e a transcendência é caracterizada pela esperança, o otimismo e a espiritualidade (Peterson & Seligman, 2004). Para indivíduos com sintomatologia depressiva, é sabido que a não obtenção de prazer é uma característica de diagnóstico (Cláudio, 2009). No entanto, a transcendência e a espiritualidade podem servir como a única forma de obtenção de satisfação e prazer, pelo que se justifica a relação entre estas duas dimensões. Para além disso, a transcendência pode ter um papel moderador na presença da sintomatologia depressiva, i.e., a esperança (força de carácter da transcendência), funcionando, por exemplo, como um fator protetor, permitindo a estes indivíduos ver o potencial de melhora a longo-prazo, o *distress* atual como temporário e uma abordagem ao tratamento com uma visão positiva (Simmonds & McGrath, 2017).

A autodireção estava positivamente relacionada com todas as virtudes, exceto com a justiça, sendo que a relação mais forte observada foi com a sabedoria. A autodireção caracteriza-se pelo pensamento independente e liberdade de escolhas de ações (Schwartz,

1994), enquanto que a sabedoria é caracterizada pela criatividade, curiosidade e perspectiva (Peterson & Seligman, 2004). Para que as pessoas desenvolvam o pensamento independente, precisam de ter uma visão global do mundo de forma a que possam fazer escolhas conscientes e informadas (Cláudio, 2009). A curiosidade e o pensamento crítico levam à escolha deliberada de ações bem como à formação de pensamentos e crenças independentes (Cláudio, 2009).

A segurança esteve positivamente relacionada com todas as virtudes, exceto com a transcendência, sendo que a correlação mais forte se foi com a humanidade. A bondade e o amor (forças de carácter da humanidade) também podem funcionar como fator protetor para a supressão da sintomatologia depressiva (Simmonds & McGrath, 2017), uma vez que ajudam a promover relações protetoras com os outros, dando assim uma sensação de segurança a estes indivíduos.

Este padrão de resultados pode ser explicado pelo facto de os participantes estarem a receber acompanhamento psiquiátrico. Outra explicação para estes resultados poderá, eventualmente, dever-se à deseabilidade social. Ou seja, podem sentir a necessidade de transmitir uma imagem mais favorável de si mesmo, de forma a não se sentirem julgados acreditando nas informações e a mentir, para se adequar aos valores que pensam serem socialmente bem aceites (Mortel, 2008).

Existem possíveis implicações clínicas para a avaliação dos valores e das virtudes num contexto terapêutico. Se considerarmos esta relação entre valores e virtudes na etiologia da emergência da sintomatologia depressiva, pode ser importante na elaboração de protocolos de intervenção psicoterapêutica.

A intervenção junto dos indivíduos, para além de corrigir o que está errado, procura construir o que está certo (Seligman, 2002). A psicologia, mais do que a ciência que estuda as doenças, estuda, de igual forma, as qualidades. Neste sentido, a prática das virtudes e dos seus pontos fortes aumenta, indubitavelmente, a felicidade, uma vez que esse exercício promove a gratificação em diversas áreas na sua vida, como o trabalho e relacionamentos (Martin, Quirino, & Mari, 2007), pois ajuda os indivíduos a flexibilizar e consciencializar as suas crenças disfuncionais. Desta forma, trabalhar os valores e as virtudes pode ter um impacto benéfico nos resultados psicoterapêuticos, uma vez que, trabalhar as emoções positivas pode contribuir para aliviar o sofrimento e perceber as causas deste (Duckworth, Steen, & Seligman, 2005), não esquecendo que estes construtos, principalmente as virtudes, são consideradas partes integrantes do bem-estar (Alzola, 2012).

Limitações de Estudo

Os resultados encontrados neste estudo permitem algumas apreciações relevantes e com implicações significativas ao nível da investigação. Apesar de se revelar um contributo importante para a psicologia, este estudo revela algumas limitações.

A primeira limitação sentida foi relativa à constituição da amostra. Os dados reportam apenas os indivíduos com sintomatologia depressiva de dois centros hospitalares da zona norte do país, sendo que esses indivíduos representam uma pequena parte desta população e que, de alguma forma, já se encontravam em processo de mudança. A grande limitação do estudo prende-se com a diminuta amostra já que não permite a obtenção de resultados mais representativos da população. Por outro lado, o desequilíbrio entre o número de participantes masculinos e femininos pode ter levado a que os resultados não fossem ao encontro dos estudos já existentes. Relativamente aos instrumentos utilizados, uma outra limitação a ser apontada, é o facto de os dados terem sido recolhidos em instrumentos de autorrelato o que pode influenciar os mesmos devido à subjetividade das respostas.

Uma das limitações do estudo poderá passar pelo facto de não sabermos até que ponto a sintomatologia depressiva pode ser a causa desta relação pelo que seria importante em investigações futuras fazer-se um estudo longitudinal que permitisse estudar esta causalidade.

Conclusão

A revisão da literatura efetuada revelou que os valores humanos e as virtudes foram identificadas como características fundamentais e centrais dos indivíduos que se evidenciam no seu quotidiano e se desenvolvem ao longo de toda a vida. Através dos resultados obtidos, o nosso estudo verificou que, em indivíduos que apresentam sintomatologia depressiva, não existem diferenças ao nível dos valores e das virtudes em função do sexo e, conclui-se que existe um padrão específico de associações entre valores e virtudes nesta população.

Neste sentido, este estudo será, certamente, uma contribuição importante para permitir futuras investigações acerca dos valores e das virtudes. Estas podem resultar em novas abordagens de intervenção na prática clínica de forma a ajudar os clientes a aliviar o sofrimento e a consciencializar/flexibilizar as suas crenças bem como aumentar o seu bem-estar.

Referências Bibliográficas

- Abbing-Karahagopian, V., Huerta, C., Souverein, P. C., Abajo, F., Leufkens, H. M., Slattery, J., . . . Bruin, M. L. (2014). Antidepressant prescribing in five European countries: application of common definitions to assess the prevalence, clinical observations, and methodological implications. *European journal of clinical pharmacology*, *70*(7), 849-857. doi:10.1007/s00228-014-1676-z
- Aluja, A., & García, L. F. (2004). Relationships between Big Five personality factors and values. *Social Behavior and Personality*, *32*(7), 619-625. doi:10.2224/sbp.2004.32.7.619
- Alzola, M. (2012). The possibility of virtue. *Business Ethics Quarterly*, *22*(2), 377-404.
- American Psychiatric Association [APA]. (2014). *DSM-5: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais, 5ª Edição*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Annequin, M., Weill, A., Thomas, F., & Chaix, B. (2015). Environmental and individual characteristics associated with depressive disorders and mental health care use. *Annals of Epidemiology*, *25*(8), 605-612. doi:10.1016/j.annepidem.2015.02.002
- Apóstolo, J. A., Figueiredo, M. H., Mendes, A. C., & Rodrigues, M. A. (2011). Depression, anxiety and stress in primary health care users. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, *19*(2), 348-353. doi:10.1590/S0104-11692011000200017
- Banicki, K. (2004). Positive psychology on character strengths and virtues. *A. New Ideas in Psychology*, *33*, 21-34. doi:10.1016/j.newideapsych.2013.12.001
- Berlim, M. T., & Fleck, M. P. (2001). Uma breve história da psiquiatria: do século XVIII à era dos tratamentos moleculares. *Revista Psiquiatria Clínica*, *23*(3), 147-158.
- Campos, C. B., & Porto, J. B. (2010). Escala de Valores Pessoais: validação da versão reduzida em amostra de trabalhadores brasileiros. *Psico*, *41*(2), 208-213.
- Caprara, G. V., Vecchione, M., Schwartz, S. H., Schoen, H., Bain, P. G., Silvester, J., . . . Caprara, M. G. (2017). Basic Values, Ideological Self-Placement and Voting: A Cross-Cultural Study. *Cross-Cultural Research*, 1-24. doi:10.1177/1069397117712194

- Carvalho, A. (2017). Depressão e outras perturbações mentais comuns. Enquadramento global e nacional e referência de recurso em casos emergentes. *Programa Nacional para a Saúde Mental*.
- Cláudio, V. (2009). Domínios de esquemas precoces na depressão. *Análise Psicológica*, 27(2), 143-157.
- Dahlsgaard, K., Peterson, C., & Seligman, M. (2005). Shared Virtue: The Convergence of Valued Human Strengths Across Culture and History. *Review of General Psychology*, 9(3), 203-213. doi:10.1037/1089-2680.9.3.203
- Del Porto, J. A. (1999). Conceito e Diagnóstico. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 21, 6-11.
- Duckworth, L., Steen, T. A., & Seligman, M. E. (2005). Positive psychology in clinical practice. *Annual Review of Clinical Psychology*, 1, 629-651. doi:10.1146/annurev.clinpsy.1.102803.144154
- Ferragut, M., Blanca, M. J., & Ortiz-Tallo, M. (2014). Psychological virtues during adolescence: A longitudinal study of gender differences. *European Journal of Developmental Psychology*, 11(5), 521-531. doi:10.1080/17405629.2013.876403
- Fife-Schaw, C. (2006). Levels of Measurement. *Research Methods in Psychology*, 3, 50-63.
- First, M. B., Williams, J. B., Karg, R. S., & Spitzer, R. L. (2016). *Structured Clinical Interview for DSM-5 Disorders—Clinician Version (SCID-5-CV)*. Arlington, VA: American Psychiatric Association.
- Góngora, V. C. (2007). Valores personales y autoestima en población. *Psicodebate. Psicología, Cultura y Sociedad*, 8, 37-46.
- Gotlib, I. H., & Joormann, J. (2010). Cognition and depression: current status and future directions. *Annual review of clinical psychology*, 6, 285-312.
- Güsewell, A., & Ruch, W. (2012). Are only emotional strengths emotional? Character strengths and disposition to positive emotions. *Applied Psychology: Health and Well-Being*, 4(2), 218-239. doi:10.1111/j.1758-0854.2012.01070.x
- Inglehart, R. F. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. New Jersey: Princeton University Press.

- Inglehart, R. F. (2008). Changing Values among Western Publics from 1970 to 2006. *West European Politics*, 31(1-2), 130-146. doi:10.1080/01402380701834747
- Jordan, A. E., & Meara, N. M. (1990). Ethics and the Professional Practice of Psychologists: The Role of Virtues and Principles. *Professional Psychology: Research and Practice*, 21(2), 107-114.
- Kristjánsson, K. (2006). "Emotional Intelligence" in the Classroom? an Aristotelian Critique. *Educational Theory*, 56(1), 39-56. doi:10.1111/j.1741-5446.2006.00002.x
- Lambert, L., Passmore, H., & Holder, M. D. (2015). Foundational Frameworks of Positive Psychology: Mapping Well-Being Orientations. *Canadian Psychology*, 56(3), 311-321. doi:10.1037/cap0000033
- Marotti, J., Galhardo, A., Furuyama, R., Pigozzo, M., Campos, T., & Laganá, D. (2008). Amostragem em pesquisa clínica: tamanho da amostra. *Revista de Odontologia da Universidade de São Paulo*, 20(2), 186-194.
- Martin, D., Quirino, J., & Mari, J. (2007). Depressão entre mulheres da periferia de São Paulo. *Revista de Saúde Pública*, 41, 591-597.
- Martínez-Martí, M., & Ruch, W. (2014). Character strengths and well-being across the life span: data from a representative sample of German-speaking adults living in Switzerland. *Frontiers in psychology*, 5, 1-10. doi:10.3389/fpsyg.2014.01253
- Martins, C. (2011). *Manual de Análise de Dados Quantitativos com Recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- McCullough, M. E., & Snyder, C. R. (2000). Classical sources of human strengths: Revisiting an old home and building a new one. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 19(1), 1-10. doi:10.1521/jscp.2000.19.1.1
- McGrath, R. (2017). *Technical report: the VIA Assessment Suite for Adults: Development and initial evaluation*. Cincinnati, OH: VIA Institute on Character.
- Montero, I., & León, O. G. (2007). A guide for naming research studies in psychology. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7(3), 847-862.
- Mortel, V. T. (2008). Faking it: social desirability response bias in self-report research. *Australian Journal of Advanced Nursing*, 25(4), 40.

- Ordem dos Psicólogos Portugueses [OPP]. (2011). *Código Deontológico*. Diário da República 2ª Série nº 246 / 2 de dia 26 de Dezembro de 2016.
- Organização Mundial de Saúde [OMS]. (2002). *Relatório Mundial da Saúde: Saúde mental: nova conceção, nova esperança*. Lisboa.
- Paludo, S. S., & Koller, S. H. (2007). Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. *Paidéia*, 17(36), 9-20.
- Park, N., & Peterson, C. (2006). Moral competence and character strengths among adolescents: The development and validation of the Values in Action Inventory of Strengths for Youth. *Journal of Adolescent*, 29, 891-909.
doi:10.1016/j.adolescence.2006.04.011
- Park, N., & Peterson, C. (2009). Character Strengths: Research and Practice. *Journal of College and Character*, 10(4), 1-10. doi:10.2202/1940-1639.1042
- Peron, A. P., Neves, G. S., Brandão, M., & Vicentini, V. P. (2008). Aspectos Biológicos e Sociais da Depressão. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, 8(1), 45-48.
- Peterson, C., & Seligman, M. E. (2004). *Character Strengths and Virtues: A Handbook and Classification*. New York: Oxford University Press.
- Ramos, A. (2006). Social values dynamics and socio-economic development. *Portuguese Journal of Social Science*, 5(1), 35-64. doi:10.1386/pjss.5.1.35/1
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: The Free press.
- Ruch, W., Proyer, R. T., Harzer, C., Park, N., Peterson, C., & Seligman, M. (2010). Adaptation and Validation of the German Version of the Values in Action Inventory of Strengths (VIA-IS) and the Development of a Peer-Rating Form. *Journal of Individual Differences*, 31, 138-149.
- Sandy, C. J., Gosling, S. D., Schwartz, S. H., & Koelkebeck, T. (2017). The Development and Validation of Brief and Ultrabrief Measures of Values. *Journal of Personality Assessment*, 99(5), 1-11. doi:10.1080/00223891.2016.1231115
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. Em *Advances in experimental social psychology* (pp. 1-65). Academic Press.

- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50(4), 19-45.
- Schwartz, S. H. (2005). Valores humanos básicos: seu contexto e estrutura intercultural. *Valores e comportamentos nas organizações*, 1, 21-55.
- Schwartz, S. H. (2011). Studying Values: Personal adventure, Future Directions. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 42(2), 307-319. doi:10.1177/0022022110396925
- Schwartz, S. H. (2012). An Overview of the Schwartz Theory of Basic Values. *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(1), 3-20. doi:10.9707/2307-0919.1116
- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1987). Toward a universal Psychological Structure of Human Values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53(3), 550-562.
- Schwartz, S. H., & Rubel, T. (2005). Sex Differences in Value Priorities: Cross-Cultural and Multimethod Studies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89(6), 1010–1028. doi:10.1037/0022-3514.89.6.1010
- Schwartz, S. H., & Savig, L. (1995). Identifying culture-specifics in the content and structure of values. *Journal of cross-cultural psychology*, 26(1), 92-116. doi:10.1177/0022022195261007
- Schwartz, S. H., Cieciuch, J., Vecchione, M., Davidov, E., Fischer, R., Beierlein, C., . . . Konty, M. (2012). Refining the Theory of Basic Individual Values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103(4), 663-688. doi:10.1037/a0029393
- Seligman, M. E. (2002). Positive Psychology, Positive Prevention, and Positive Therapy. *Handbook of positive psychology*, 2, 3-12.
- Seligman, M. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive Psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55(1), 5-14. doi:10.1037/0003-066X.55.1.5
- Sheldon, K. M., & King, L. (2001). Why Positive Psychology is necessary. *American Psychologist*, 56(3), 216-217. doi:10.1037/0003-066X.56.3.216
- Shoshani, A. (2018). Young children's character strengths and emotional well-being: Development of the Character Strengths Inventory for Early Childhood (CSI-EC). *The Journal of Positive Psychology*. doi:10.1080/17439760.2018.1424925

- Shryack, J., Steger, M., Krueger, R., & Kallie, C. (2010). The structure of virtue: An empirical investigation of the dimensionality of. *Personality and Individual Differences*, 48(6), 714-719. doi:10.1016/j.paid.2010.01.007
- Simmonds, A. H., & McGrath, R. E. (2017). Character strengths and clinical presentation. *The Journal of Positive Psychology*. doi:10.1080/17439760.2017.1365160
- Tamayo, A., & Schwartz, S. H. (1993). Estrutura Motivacional dos valores humanos. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 9(2), 329-348.
- Teles, M. S. (2017). *O que é a Depressão?* São Paulo: Brasiliense.
- Torres, C. V., Schwartz, S. H., & Nascimento, T. G. (2016). The refined theory of values: associations with behavior and evidences of discriminative and predictive validity. *Psicologia USP*, 27(2), 341-356. doi:10.1590/0103-656420150045
- Vecchione, M., Casconi, T., & Barbaranelli, C. (2019). Assessing the Circular Structure of the Portrait Values Questionnaire. *European Journal of Psychological Assessment*, 25(4), 231-238. doi:10.1027/1015-5759.25.4.231
- Vecchione, M., Doring, A. K., Alessandri, G., Marsicano, G., & Bardi, A. (2016). Reciprocal relations across time between basic values and value-expressive behaviors: A longitudinal study among children. *Social Development*, 25(3), 528-547. doi:10.1111/sode.12152
- VIA Institute on Character. (2001). *VIA Assessments Psychometrics*. Obtido de <https://www.viacharacter.org/www/VIA-Assessments-Psychometrics>
- Yearley, L. H. (1990). *Mencius and Aquina: Theories of virtue and conceptions of courage* (Vol. 2). Suny Press.